

# Onde quem manda é o aluno

SANDRA MACHADO  
Da Editoria de Cidade

“Respeito e método não são sinônimos de autoritarismo”. A opinião, levada a cabo sempre que possível, é da professora, psicóloga e psicodramatista Lúcia Helena Pulino, membro da diretoria da escola Vivendo e Aprendendo (605 Norte), que, sem dúvida, é uma escola diferente. Por quê? As crianças gostam e não são castigadas ou reprimidas, cada vez que derrubam um copo de suco ou “aprontam” alguma. A violência é sempre responsabilmente ou “adultamente” evitada e o clima reinante é de absoluta segurança, elemento fundamental para o crescimento saudável destas pequenas mentes.

Alicerçada nas teorias do célebre pedagogo Jean Piaget, além da teorização, pelos professores, dos trabalhos feitos em sala de aula com as crianças, a Vivendo e Aprendendo possui um objetivo simples, que está sendo alcançado através da experiência; sedimentar pontos que se mostram importantes para a educação das crianças e consecutivo desenvolvimento intelectual destas. Mas, talvez pela idéia errônea de alguns pais, que a apontam como uma escola muito liberal, ou pela baixa divulgação, ela passa por momentos difíceis.

No ano passado, ela contava com 88 alunos. Neste semestre, até agora, há apenas 58 matriculados e, para estabilizar a situação financeira, necessita de mais 25 crianças. Lúcia Helena explica que a Vivendo e Aprendendo não tem dono. “Os donos são os pais, ou seja, há tantos donos quanto o número de crianças que estiverem aqui. Somos uma associação de pais e

professores que se juntaram para montar a escola, pois estávamos insatisfeitos com as já existentes”.

Lúcia, que é formada pela Universidade de São Paulo (USP), chegou de lá há um ano, quando resolveu aderir ao grupo e, ela mesma, colocou sua filha na “dança”. “Semanalmente, reunimos o corpo docente (todos com nível universitário) para discutir o dia-a-dia das salas. A avaliação sobre o desenvolvimento das crianças e da dinâmica das salas é feita bimestralmente, numa reunião de pais e professores. Além disso, há uma comissão de estudos sobre educação, para tentar suprir as dificuldades de cada um e há reuniões semanais da diretoria, que são abertas aos pais. Eu faço avaliações individuais com os pais, quando tento uma maior interação casa/escola”, relata a psicóloga.

Os turnos são convencionais (matutinos e vespertinos), sendo que há dois maternais, dois “Jardins I” e outros dois “Jardins II”. Cada sala conta com a orientação de dois professores para, no máximo, 16 crianças. O maternal é subdividido por idade. Um é formado por alunos de até dois anos e meio e, o outro, por esta idade até os três anos. O “Jardim I” é para os que têm entre 3 e 4 anos e, o II, para os de 4 a 5. Esta divisão segue a metodologia de Piaget, onde ele distingue a capacidade de discernimento e captação do mundo exterior.

— Uma criança de 4 ou 5 anos já começa a distinguir o “bem” do “mal”. Ai, formamos um grupo onde acontecem coisas incríveis. Um acusa o outro de tê-lo agredido, por exemplo. Logicamente, a criança tem aqui

lo de querer a proteção e aprovação. Perguntamos o porque e apontamos o que ele próprio fez, há uns dias atrás, com outros. Mostramos que o que dói nele também dói no outro e assim por diante. Nunca instigamos a revanche ou acusamos. Eles é que se sensibilizam. Somos apenas “facilitadores” para as crianças, jamais fazemos as coisas por elas. Isso é importante ressaltar — acredita Lúcia.

Outra ressalva que ela faz é quanto ao método de aprendizagem. “A rotina das atividades tem que ser respeitada. As crianças não fazem o que querem. Há horários rigorosos. Para a criança, é muito importante saber o que vai acontecer depois. Mas, caso alguma delas demore mais que as outras em determinada atividade, um dos professores a aguarda e a acompanha na seguinte. Evitamos a competição entre elas e não há repreensão neste casos. A criança não é obrigada a ter o mesmo ritmo das outras. Esta é uma diferença entre nosso método e os demais”.

Além disso, a Vivendo e Aprendendo destaca-se por valorizar o indivíduo, apoiando a idéia do grupo. Os professores consideram o tratamento e o respeito individual como um ponto de honra. “Não tem essa de “tio” ou “tia”, aqui. Chamamos todos pelo nome ou pelo apelido e somos chamados pelo nome também. Respeito não é autoritarismo. O referencial da criança é o adulto. Quando há alguma agressão, o que é nosso grande desafio, vamos à criança e dizemos: “Eu não gosto. Eu não quero”. Este é um modo de ela saber que não é bom agredir”, detalha a professora.

ARQUIVO



Na feira, a improvisação